



Evasão escolar em comunidades quilombolas do sul do Rio Grande do Sul: principais motivos

School dropout in quilombola communities in the south of Rio Grande do Sul: main reasons

Carmen Lúcia Ferreira de Souza

Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação/UFPel.

Lauren Barbosa Antunes

Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação/UFPel.

Georgina Helena Lima Nunes

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumo:

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla realizada em vinte e cinco comunidades quilombolas de quatro municípios sul do Rio Grande do sul, essa pesquisa utilizou como técnica para coleta de dados um questionário objetivo e entrevistas semiestruturadas onde buscamos conhecer um pouco da realidade escolar dos quilombolas do sul. Essa pesquisa é parte do Programa de Extensão Formação Docente e Políticas Educacionais para Quilombos: Continuidades e Perspectivas, financiado pelo PROEXT/MEC e executado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) no ano de 2012. Temos um universo, de treze comunidades que significam oitocentos e sessenta pessoas, abrangendo os quatro municípios, entrevistadas até agora e já podemos ter alguns resultados sobre as razões para abandono da escola: desse total de sujeitos percebemos que o motivo mais relatado é o trabalho, seguido da falta de transporte e dos assuntos relacionados à família, logo a distância da escola e os assuntos relacionados à saúde e, por fim, a falta de escolas na zona rural de níveis médio. É necessário ressaltar que todos os motivos elencados estão interligados e, parcialmente, se observa que na atualidade muitos desses problemas de ordem estrutural se repetem com jovens e crianças agregando, ainda, a questão do racismo. Nosso objetivo nessa pesquisa foi, justamente, de levantar dados para que, uma vez sistematizados, sirvam de documento reivindicatório junto à organização quilombola que, permanentemente está a dialogar junto às autoridades competentes para a resolução desses problemas que estão contemplados nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola.

Palavras-chave: Educação. Evasão Escolar. Comunidades Quilombolas.

Abstract:

This assignment is an excerpt from a broader research conducted in twenty-five quilombola communities from four southern cities of Rio Grande do Sul, this research used an objective questionnaire and semi-structured interviews – in which we seek to know some of the scholar reality of the southern quilombolas – as data collection technique. This research is part of Programa de Extensão Formação Docente e Políticas Educacionais para

Quilombos: Continuidades e Perspectivas, funded by PROEXT/MEC and performed by Universidade Federal de Pelotas (UFPel) in the year 2012. We have a universe of thirteen communities, which means eight hundred and sixty people, of all four cities, interviewed so far and we can already have some results about reasons for school dropout: of this total number of people, we noted that the most reported reason is the working, followed by lack of transportation and family-related issues, then the distance from the school and health-related issues, and finally, the lack of high schools in the countryside. It should be emphasized that all of the quoted reasons are intertwined and, partly, it's observed that nowadays many of those structural problems recur with youth and children aggregating, plus, the racism issue. Our goal in this research was, precisely, raise data so that, once systematized, it can serve as a document of claims for the quilombola organization that is permanently dialoguing with the appropriate authorities for the solving of these problems, which are covered in the Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola.

Keywords: Education. School Dropout. Quilombola Communities.

Introdução

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla realizada em vinte e cinco comunidades quilombolas de quatro municípios do sul do Rio Grande do sul, mais precisamente dos municípios de Canguçu, Pelotas, Piratini e São Lourenço do Sul que tem por objetivo apreender, analisar e quantificar os aspectos relacionados à escolaridade dos pertencentes a essas comunidades. A pesquisa utilizou como técnica para coleta de dados um questionário objetivo e entrevistas semiestruturadas onde buscamos conhecer um pouco da realidade escolar dos quilombolas região sul do Rio Grande do Sul; a mesma é parte do Programa de Extensão Formação Docente e Políticas Educacionais para Quilombos: Continuidades e Perspectivas, financiado pelo PROEXT/MEC e executado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) no ano de 2012; a pesquisa encontra-se na fase final de coleta de dados.

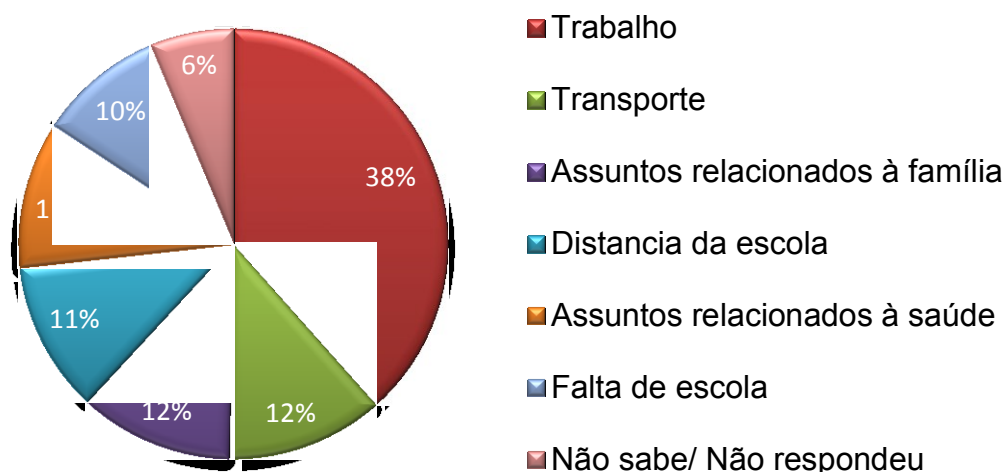
Neste texto, mais precisamente, tratamos as questões acerca da evasão escolar e elencamos quais são os principais motivos que geraram esse fenômeno, assim como reflexões acerca dos aspectos encontrados na pesquisa, relacionando-os com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica de modo identificar algumas questões que poderiam elucidar tal processo de afastamento da vida escolar. Estes dados são relativos às pessoas com idade superior à 18 anos cuja obrigatoriedade de estar frequentando a escola inexistente segundo preceitos legais da legislação educacional brasileira..

Há um fato que se agrega a todos os outros _ de ordem estrutural, pessoal e didático _ que é o dado do racismo que acompanhou a trajetória escolar dos mais velhos e ainda tira os jovens estudantes da escola; tal dado, não aparece diretamente, mas está intrínseco na fala dos quilombolas, o que nos faz concluir que está presente na vida e causa marcas na trajetória de não escolarização dos mesmos.

Principais motivos da evasão escolar quilombola

Temos, na pesquisa, um universo de treze comunidades que correspondem a oitocentos e sessenta pessoas, abrangendo os quatro municípios, entrevistadas até agora e já podemos ter alguns resultados sobre o tópico que abordamos nesse texto, ou seja, as razões para abandono da escola. Essas entrevistas são de caráter semiestruturado que nos permite uma abertura maior com os entrevistados, na intenção de ampliarmos o diálogo e percebemos outras questões que não são relatadas diretamente na pesquisa. No gráfico abaixo podemos visualizar os principais motivos apontados pelos entrevistados até o presente momento:

Principais motivos de Evasão Escolar Quilombola



Desse total de sujeitos percebemos que o motivo mais relatado é o **trabalho**, cerca de 38% dos pesquisados atribuem a saída da escola à necessidade de trabalhar em atividades rurais na intenção de contribuir para o sustento familiar. Ao longo da conversa com os entrevistados notamos que esse motivo se dá também pela falta de adaptação da escola aos períodos de maior trabalho para as comunidades, como períodos de plantio e de colheita. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola, as escolas quilombolas ou que atendem estudantes oriundos dessas comunidades de

Art.11 as instituições de ensino deverão adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas, econômicas e socioculturais, à critério do respectivo sistema de ensino e do projeto-político pedagógico da escola, sem com isso reduzir o número de horas letivas previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)²

De fato, sem a adaptação do período letivo das escolas, fica difícil manter os estudos, visto que a necessidade de trabalho é emergente, para a ajuda na renda familiar e, por vezes, até mesmo como única fonte de renda.

² BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. MEC/CNE/CEB, 2012.p.7

O segundo motivo mais relatado são os **assuntos relacionados à família**, cuidar dos/as irmãos/as, casamento, tarefas domésticas determinadas por sexo, ou seja, fica bem claro na fala dos quilombolas que as tarefas são divididas, cuidar da lavoura, do serviço da rua e “colocar a comida na mesa”, é tarefa dos homens, enquanto cuidar da casa, dos filhos e da família e o papel designado para a mulher, nesse aspecto vemos que 12% dos entrevistados apontaram o motivo da não continuidade dos estudos para assuntos relacionados a família, na maioria dos casos da formação de uma nova família, ou seja, o casamento: “*Sabe não é, a gente casa, aí vem o marido, a casa, os filhos, o trabalho e a gente não pode mais estudar*” . (Dona Eva, 54 anos. CRQ Rincão das Almas, São Lourenço do Sul)

Outro aspecto que também soma 12%, é o **transporte**, motivo que se agrega também à questão da **distância da escola** que é um outro dado e é apontado por 11% dos entrevistados. As escolas de níveis educacionais mais avançados ficavam muito distantes das Comunidades quilombolas que se localizam, a maioria das vezes, na zona rural, ou seja, os estudantes estudavam até a série que a escola oferecia, na maioria até a 4ª série do Ensino Fundamental e depois abandonava os estudos pois a escola que atendia as séries mais elevadas ficavam distantes, geralmente na zona urbana da cidade; como o transporte não era oferecido pelos órgãos públicos a escolha era deixar a escola, na medida em que os gastos com transportes eram maiores do que a família poderia arcar. Hoje, ainda algumas comunidades quilombolas enfrentam a falta de transporte, ou transporte insatisfatório em termos de horário e distância das resistências o que dificulta a presença das crianças na escola em dias de chuva, por exemplo. Porém, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola já regulamenta questões relacionadas ao transporte, como vemos nos Art. 28 e 30:

Art. 28 Quando se fizer necessária a adoção do transporte escolar no Ensino Fundamental, Ensino Médio, integrado ou não à Educação Profissional Técnica, e na Educação de Jovens e Adultos devem ser considerados o menor tempo possível no percurso residência-escola e a garantia de transporte intracampo dos estudantes quilombolas, em condições adequadas de segurança.

Art. 30 O transporte escolar quando for comprovadamente necessário, deverá considerar o Código Nacional de Trânsito, as distâncias de deslocamento, a acessibilidade, as condições de estradas e vias, as condições climáticas, o estado de conservação dos veículos utilizados e sua idade de uso, a melhor localização e as melhores possibilidades de trabalho pedagógico com padrão de qualidade.³

Junto a esses dois motivos agregamos um terceiro que é encontrado na fala de 10% dos entrevistados que é **a falta de escolas** na zona rural de níveis médio, o que dificulta em muito a continuidade dos estudos, percebemos na fala da maioria dos quilombolas que a perspectiva não é a de dar continuidade aos estudos para sair daquela realidade, mas sim aprimorar os estudos para melhorar a realidade da comunidade, da família e promover uma garantia de direitos para os mesmos. Ou seja, o desejo é adquirir formação escolar e acadêmica para melhorar as condições de vida na sua própria comunidade, não para sair dela.

³ BRASIL, 2012, p. 12.

É possível notar que todos os motivos elencados estão interligados e, parcialmente, se observa que na atualidade muitos desses problemas, principalmente, de ordem estrutural se repetem com jovens e crianças agregado, também, à persistência de atitudes racistas no contexto escolar. Na fala dos quilombolas podemos notar, muitas vezes, que depois de nos dizer algum dos motivos citados acima vem falas como: “*Ah tinha muita briga na escola, eu fui chamada umas dez vezes pela diretora, até que decidi não levar mais!*” (Dona Tereza Crespo CRQ Picada, São Lourenço do Sul) Quando questionada sobre o motivo de tantas brigas na escola ela responde: “*Ah! Por que chamavam ele de preto, tição, essas coisas e ele não gostava, né?*” (Dona Tereza Crespo CRQ Picada, São Lourenço do Sul) Em muitas entrevistas, falas semelhantes a essas foram encontradas, e o que percebemos é que não há, por conta da escola uma didática, rotina, currículo, ou projeto que valorize a história dos negros quilombolas na escola, o que dificulta a sensação de pertencimento dos sujeitos estudantes nesse espaço, fazendo com que a evasão, inevitavelmente, aconteça. O racismo na escola acontece de várias formas, como por exemplo na “negação das tradições africanas e afro-brasileiras, dos nossos costumes, negação da nossa filosofia de vida, da nossa posição no mundo...da nossa humanidade.” (CAVALLEIRO, 2001)⁴. E também nas formas mais explícitas e cruéis como xingamentos, ofensas, “brincadeiras” com a cor, cabelo ou outra característica física, feitas pelos colegas e pelos professores/funcionários das escolas. Há também outra forma de racismo na escola, uma forma um tanto quanto sutil e subjetiva que são os livros didáticos e de literatura infantil que dificilmente trazem o protagonismo negro e quando trazem são eles carregados de estereótipos e ideias erradas, grande parte das vezes com sua imagem inferiorizada em relação ao branco.

Talvez a escola só se faça lugar de encontro dos sujeitos, quando se perceber para tal função, à conclusão disso CAVALLEIRO E HENRIQUES, nos dizem:

a escola que superará o racismo há de ser uma escola que saiba, sobretudo, aprender e relacionar-se com o mundo de possibilidades que a sociabilidade negra criou, seja nas mais de quatro mil comunidades quilombolas conhecidas, seja na música urbana de um compositor como Martinho da Vila. (2005)⁵

Considerações finais

Nosso objetivo nessa pesquisa foi, justamente, de levantar dados para que, uma vez sistematizados, sirvam de documento reivindicatório junto à organização quilombola que, permanentemente está a dialogar junto às autoridades competentes para a resolução desses problemas que estão contemplados nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola. Também buscávamos problematizar essas questões, para entender como se deu, historicamente a formação escolar dessas comunidades. O Programa de Extensão que tem duração de três anos, ainda está em fase de coleta de dados, mas ao mesmo tempo já estamos quantificando e problematizando os resultados encontrados nas pesquisas de modo a contribuir para com a

⁴ CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001. p. 7.

⁵ HENRIQUES, Ricardo e CAVALLEIRO, Eliane. Prefácio. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p.12.

subversão dos índices que apontam as comunidades quilombolas como os contextos cujas perspectivas educativas estão muito mais presentes na maneira como, sabiamente, subvertem a ausência de investimento público do que do usufruto de direitos, enfim, da possibilidade de vivenciar uma cidadania de fato.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. MEC/CNE/CEB, 2012.

CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação- repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.

HENRIQUES, Ricardo e CAVALLEIRO, Eliane. Prefácio. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

[Recebido em: novembro de 2013.
Aceito em: dezembro de 2013.]